

ANC

Ulysses diz que mandato fica para próxima semana

CLÓVIS ROSSI

Enviado especial a Brasília

A votação das Disposições Transitórias da nova Constituição — nas quais consta a duração do mandato do presidente José Sarney — ficará para a próxima semana, uma vez que não foi possível concluir acordos que apressassem a votação dos capítulos relativos à Família e aos Índios, os últimos do título da Ordem Social, que antecede as Disposições Transitórias.



O líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, confirmou à Folha, no início da noite de ontem, que as Disposições Transitórias não seriam colocadas hoje em votação, o que equivale, na prática, a afirmar que também não serão votadas amanhã, porque sexta-feira é dia de quórum habitualmente baixo, inadequado para votações importantes.

O próprio presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, disse à Folha que a sua intenção era encerrar esta semana a votação do título da Ordem Social, deixando para a semana seguinte as Disposições Transitórias. Logo ao chegar ao Congresso, na tarde de ontem, Ulysses foi abordado pelo vice-líder do PFL, Inocêncio de Oliveira (PE), que lhe pediu não mais a votação urgente das Transitórias, mas a definição de um calendário para essa votação, de forma a que os governistas pudessem mobilizar os seus adeptos para aprovar cinco anos para Sarney. Ulysses respondeu que era impossível estabelecer qualquer calendário.

Mal Inocêncio de Oliveira deixou Ulysses, o presidente do Congresso constituinte viu confirmada a sua avaliação de que não havia como fixar antecipadamente um calendário: o deputado Artur da Távola (PMDB-RJ) lhe disse que a negociação em torno do capítulo da Família estava emperrada (e continuou emperrada até o início da noite de ontem). "Esse é um capítulo com algumas

complicações e os dos Índios é ainda mais complicado", afirmou Ulysses à Folha. De fato, a negociação sobre os Índios sequer começou até a noite de ontem.

Nesse cenário, o desdobramento previsível é o seguinte: vota-se hoje, quinta-feira, o capítulo referente à Família, vota-se sexta-feira o dos Índios e, na terça-feira (segunda é feriado), começa a votação das Disposições Transitórias. Como início de semana (caso de uma terça-feira em seguida a um feriado) é também dia de quórum baixo, o mais provável é que a votação do mandato propriamente dita fique para a quarta-feira.

A Folha apurou que o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, trabalha com a hipótese de que o mandato seja votado exatamente na quarta-feira ou, na pior das hipóteses, na quinta.

De qualquer forma, o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, disse à Folha ontem à tarde que os governistas "estão em regime de mobilização total e permanente". Explicou Sant'Anna: "Não faz juz às qualidades do senador Mário Covas imaginar que ele está tentando adiar a votação pelo simples desejo de aperturar o presidente. Só posso crer que ele está tentando nos desmobilizar para que a votação ocorra nessa hora de desmobilização".

Covas também nega, com veemência, qualquer tentativa de obstruir os trabalhos e espera de que o clima se torne mais favorável para os quatro anos. "Se eles têm a maioria que dizem ter, então fazem o que quiserem. Nunca, via maioria que não faça o que quer", diz o senador.

Sant'Anna contra-argumenta: "Não adianta ter a maioria, porque quem determina a ordem de votação é o dr. Ulysses. Ele é o regente da orquestra, mas só aciona a batuta quando recebe um sinal do ponto, que é o Mário Covas".

A frase de Sant'Anna é reveladora da irritação dos governistas com o que consideram colaboração de Ulysses para o suposto obstructionismo de Covas, já antecipada ontem pela Folha.

O que pode atrasar e muito a votação do mandato não são táticas supostas ou reais de quem quer que seja mas o "buraco negro", situação em que proposta alguma consegue os 200 votos que compõem a maioria absoluta. Esse risco existe e foi reconhecido ontem por Ulysses, na sua conversa com a Folha. O deputado garantiu que tem que se votar, antes de mais nada, o substitutivo do Centrão para as Disposições Transitórias (que não fixa o mandato de Sarney), sob pena de não haver um texto básico a partir do qual discutir cada ponto específico, "o que tornaria a votação confusa demais".

Se, entretanto, esse texto global não tiver os 200 votos (hipótese admitida por José Lourenço), vota-se outro texto completo, o da Comissão de Sistematização (que fixa em quatro anos o mandato de Sarney). Há virtual consenso de que esse texto tampouco terá os 200 votos, criando-se o "buraco negro".

Para evitar esse risco, Ulysses pretende convencer Covas a votar o substitutivo do Centrão, deixando a batalha do mandato para a votação da emenda do deputado Matheus Iensen (PMDB-PR), que dá cinco anos ao presidente. Vice-líderes de Covas têm a mesma intenção, mas, até a tarde de ontem Covas não parecia convencido. Consultado pela Folha, limitou-se à saída clássica: "Não posso adiantar que atitude vou tomar antes de uma votação, para não dar comunicação ao adversário".

Se há de fato alguma tática no "covismo" para retardar a votação, em busca de mais votos para os quatro anos, ele teve um leve efeito, pelas contas que está fazendo, permanentemente, um dos escudeiros de Covas, o deputado Geraldo Alckmin (PMDB-SP): ele contabilizava ontem a possível mudança de posição do deputado Del Bosco Amaral (também do PMDB paulista) dos cinco para os quatro anos, acompanhado de outros, que não soube dizer quais e nem quantos.

Essa mudança, se realmente concretizada, pode ser significativa: Del Bosco Amaral é, desde o início dos trabalhos constituintes, um dos

mais fiéis aliados do Palácio do Planalto, integrante tanto do Centro Democrático (ala conservadora do PMDB) como do Centrão.

Nem por isso, entretanto, é um

deve-se muito mais à óbvia tática de um líder partidário que não pode confessar de antemão que está derrotado, sob pena de desmobilizar ainda mais as suas fileiras.

deve-se muito mais à óbvia tática de um líder partidário que não pode confessar de antemão que está derrotado, sob pena de desmobilizar ainda mais as suas fileiras.



APOSENTADA PEDE APOIO AO SEPTUAGENÁRIO ULYSSES

A pensionista da Previdência Social Aurora Braga, 84, cumprimentada Ulysses Guimarães, 71, ao tentar convencê-lo a apoiar a manutenção dos novos benefícios aos aposenta-

dos aprovadas pelo Congresso constituinte. Ulysses respondeu que o assunto está sendo tratado "com muito carinho" e prometeu interceder junto aos constituintes. Aurora,

membro do "Grupo da Terceira Idade", integra o lobby dos idosos que esteve ontem em Brasília. O lobby foi comandado por Luis Inacio Lula da Silva (SP), 42, líder do PT.